

CANDIDO FONTOURA

Monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura

DISCURSO PROFERIDO NA CERIMÔNIA DE
POSSE COMO MEMBRO HONORÁRIO DO
INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DE
SÃO PAULO.

SÃO PAULO, JUNHO, 1966



Monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura

* 23 de novembro de 1842

† 8 de julho de 1929

*Discurso pronunciado na sessão solene
de posse no Instituto Histórico e Geo-
gráfico de São Paulo.*

É para mim uma honra excepcional entrar para a vossa ilustre companhia, trazido pelo cavalheirismo de Aureliano Leite, que em mim divisou méritos à altura de uma tão venerável instituição, como é o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Confesso que, não me julgando possuidor de credenciais adequadas, muito hesitei diante do convite bondosamente formulado pelo vosso ilustre Presidente; e sòmente razões particulares, e até afetivas, pesaram na decisão com que afinal aquiesci em vir pleitear o vosso generoso sufrágio para tomar assento nesta prestigiosa Casa. Em primeiro lugar estava o imperativo da amizade, da velha e sólida amizade que me prende a Aureliano Leite, e que me impedia de fazer-me de surdo à generosidade do seu convite. Ao mesmo tempo, outro fato me fêz sentir que de alguma forma o destino me encaminhava para esta instituição. É que meu tio monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura foi membro e por muito tempo vice-presidente dêste Instituto, “ao qual dedicava a maior simpatia e devotamento”, segundo escreveu um dos consócios, em oração proferida na sessão solene de 1.º de novembro de 1929, dedicada à sua memória. Essa circunstância encorajou-me a afrontar os compromissos impostos pela admissão ao vosso convívio, entre os quais figura o clássico discurso de posse, o elogio do patrono escolhido; falaria, como desejo falar, da vida e da obra de monsenhor Ezechias, pois, sendo um dos vossos, êle foi também um dos meus, e assim o tema teria tôda a propriedade e cabimento.

Havia, no princípio do século, em São Paulo, três grandes oradores sacros: Francisco de Paula Rodrigues, o famoso Padre Chico; cônego Manuel Vicente e monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura. Como sabeis, a oratória sagrada tinha, naquela época, grande interesse para o povo, que afluía em massa às igrejas para ouvir os pregadores de maior fama. Explica-se o fato não só pelo valor das orações sacerdotais, dignas das maiores audiências, mas também porque não se podia ouvi-las senão comparecendo à igreja. Não havia rádio, nem altifalantes, nem televisão, nem outros artifícios da técnica moderna que hoje em dia levam missas, sermões e análogas solenidades às nossas casas. Graças à sua voz vigorosa e ao estilo encantador de suas pregações, era monsenhor Ezechias dos que atraíam grandes multidões às igrejas onde falava, compreendendo-se assim a reputação que deixou, de notável pregador.

Monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura nasceu em Itu, a 23 de novembro de 1842. Concluídos os estudos eclesiásticos, ordenou-se presbítero, em 28 de maio de 1865. Foi cônego da Sé Metropolitana de São Paulo, arcepreste, capelão do recolhimento de Santa Teresa, vigário da paróquia de Bragança, secretário do bispado paulista, vigário capitular e governador geral do arcebispado de São Paulo.

Durante longos anos lecionou latim, geografia, história, teologia, moral e direito canônico. Ocupou a cadeira de direito eclesiástico no Seminário Episcopal. Ainda quando estudava no Seminário, já lecionava. Era seu aluno então Henrique Oswald, o qual se mostrava tão avêssio às aulas que o reitor do Seminário, Frei Germano, pediu aos pais do rapaz que o retirassem do colégio. Nessa conjuntura, a mãe do menino recorreu a monsenhor Ezechias, a fim de que intercedesse junto do reitor, em favor do filho. Frei Germano anuiu ao pedido, sob a condição de que a conduta do rapaz ficasse, daí por diante, sob a absoluta responsabilidade do intercessor. Tio Ezechias, usando de um feliz expediente, teve o melhor êxito possível na difícil empreitada: como o rapaz gostava muito de tocar piano, impôs-lhe a condição de só o poder fazer depois que tivesse tódas as suas lições preparadas e sabidas. Graças a isso o estudante tor-

nou-se um dos mais aplicados; e em agradecimento pelo que tio Ezechias fizera, a mãe do rapaz presenteou-o com uma imagem, em relêvo, de Nossa Senhora, a qual ainda se conserva em lugar de honra em nossa casa.

Tempos após, êsse jovem veio a ser o grande maestro e compositor Henrique Oswald, que por muitos anos foi diretor do Conservatório do Rio de Janeiro, deixando uma obra de extraordinário valor na literatura musical brasileira.

Depois de ordenado, foi o padre Ezechias nomeado vigário de Bragança, então pequena cidade ainda não servida por estrada-de-ferro. Ali instalado, levou para sua companhia uma irmã mais môça, que logo se casou com o farmacêutico Gabriel da Silveira Vasconcellos, e veio assim a ser minha saudosa mãe. Como dote de casamento deu-lhe tio Ezechias a sua casa, completamente mobiliada.

Na época em que, como vigário, residiu em Bragança, isto é, há 90 anos, não dispunha a cidade de estabelecimento onde a mocidade pudesse levar os seus estudos além das primeiras letras, ministradas nas acanhadas escolas públicas da época. E foi por sugestão do esclarecido pároco que as famílias mais abastadas se animaram a mandar os filhos a colégios e escolas de outras cidades; entre essas figurava o Colégio São Luís, de Itu, onde, desde então, sempre houve muitos estudantes bragantinos. Foi, pois, o padre Ezechias grande propulsor da cultura bragantina, e muitos dos que, por sua diligência, foram estudar em Itu, em Campinas, ou em São Paulo, e vieram a salientar-se nesta ou naquela carreira, liberal, política, ou financeira, a êle devem o primeiro e decisivo impulso para os seus futuros triunfos. Entre outros benefícios que fêz à cidade, lembra-se até hoje a doação de um excelente órgão, com que, à sua custa, dotou a Matriz.

Transferindo-se para São Paulo, como secretário de D. Lino, sua vida continuou a ser o mesmo rosário de boas obras e exemplos de bondade, até o fim, aos 86 anos de idade. Tinha o dom raro de tranqüi-

lizar e beneficiar a todos quantos dêle se aproximavam. Era de uma alegria tranqüila e espontânea; costumava repetir o conceito de S. Francisco de Assis: “É uma triste virtude a virtude de ser triste”. A todos servia indistintamente, mesmo àqueles que dêle sòmente se lembravam quando necessitavam de alguma recomendação ou de dinheiro. Aos 60 anos, tendo ficado herdeiro universal de um irmão que possuía muitas propriedades e que com êle sempre morara, tal herança apenas lhe serviu de motivo de aborrecimentos; pois, não sabendo resistir a pedidos, em breve viu passarem para outras mãos êsses novos cabedais e, na esteira dêles, as parcas economias que conseguira pôr de lado antes. Assim chegou sem nada ao têrmo de uma longa vida, sempre, porém, de ânimo alegre e sereno, pois com a pobreza retornara-lhe a antiga alegria e felicidade, e êle ficara, como gostava de repetir, “limpo como Deus quer as almas”.

Embora já vá longa esta oração, não posso furtar-me ao prazer de citar estas palavras consagradoras do eminente jurisconsulto João Mendes Junior: “Pregador emérito, a voz de monsenhor Ezechias Galvão da Fontoura é sempre ouvida com atenção; escritor correto, as suas elucubrações têm-se traduzido em panfletos sôbre as questões de atualidade nas relações da sociedade e da religião, em artigos de colaboração para diversos jornais e revistas católicas, e em excelente tratado de Direito Eclesiástico, obra elaborada em forma de preleções e que muito se recomenda pela exposição metódica. Os discípulos do cônego Ezechias não se cansavam de reconhecer o seu talento demonstrativo, e, quando na Faculdade de Direito existia a cadeira de Direito Eclesiástico, os professôres e os estudantes eram solícitos em manusear os volumes do tratado do cônego Ezechias, atentos à clareza com que eram aí elucidados pontos importantíssimos”.

Para terminar, permito-me enumerar algumas obras deixadas por monsenhor Ezechias: “Lições de Direito Eclesiástico”, em três volumes; “Questões religiosas”, “A Vida de D. Antônio de Mello”, “A Igreja e a Liberdade”, “Os Padres do Patrocínio”, além de colaborações na “Ordem”, no “Sentinela”, no “Correio Paulistano” e no “Diário Popu-

lar”, e discursos e conferências aqui nesta Casa. Dentre estas destaca-se a que pronunciou acêrca do padre Feijó, o grande sacerdote e político brasileiro que foi ministro da Justiça e regente do Império. Raras de suas páginas foram escritas com maior carinho. Monsenhor Ezechias venerava o padre Feijó, que fôra criado e educado por um seu tio-avô, Francisco Galvão de França, na cidade de Itu.

Ao agradecer o acolhimento que me dispensais, quero ainda uma vez declarar que me honra sumamente entrar para a vossa companhia, para êste Instituto Histórico e Geográfico, marco luminoso da cultura paulista e guardião solene das suas mais caras tradições. Recebei o abraço fraterno e gratíssimo dêste nôvo companheiro, que, se pouco ou nada poderá acrescentar ao prestígio desta Casa, tudo fará, todavia, por não a deslustrar.

